

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

DIEGO FERNANDES LEAL

**CONHECIMENTO DE UNIVERSITÁRIOS SOBRE DOENÇAS SEXUALMENTE
TRANSMISSÍVEIS E HIV/AIDS**

Trabalho de Conclusão de Curso

**Uruguiana
2016**

DIEGO FERNANDES LEAL

**CONHECIMENTO DE UNIVERSITÁRIOS SOBRE DOENÇAS SEXUALMENTE
TRANSMISSÍVEIS E HIV/AIDS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Enfermagem da
Universidade Federal do Pampa, como
requisito parcial para obtenção do Título
de Bacharel em Enfermagem.

Orientador: Betina Loitzenbauer da Rocha
Moreira

**Uruguiana
2016**

DIEGO FERNANDES LEAL

**CONHECIMENTO DE UNIVERSITÁRIOS SOBRE DOENÇAS SEXUALMENTE
TRANSMISSÍVEIS E HIV/AIDS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Enfermagem da
Universidade Federal do Pampa, como
requisito parcial para obtenção do Título
de Bacharel em Enfermagem.

Orientador: Betina Loitzenbauer da Rocha
Moreira

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 29 de novembro de
2016.

Banca examinadora:

Prof^a Dra. Betina Loitzenbauer da Rocha Moreira
Orientadora
UNIPAMPA

Psic. Maria Aparecida Bofil
Secretaria Municipal de Saúde

Prof^a. Ma. Raquel Pötter Garcia
UNIPAMPA

RESUMO

As doenças sexualmente transmissíveis (DST) estão entre os problemas de saúde pública mais comuns no Brasil e no mundo, sendo atualmente consideradas o principal fator facilitador da transmissão sexual do HIV. Algumas delas quando não diagnosticadas e tratadas a tempo, podem evoluir para complicações graves e até mesmo para o óbito. Estudantes universitários apresentam a sua disposição uma maior facilidade de acesso à informação em saúde, o que deveria contribuir para o aperfeiçoamento do autocuidado, diminuindo o comportamento sexual de risco. O interesse pela realização do estudo surgiu a partir da experiência vivida no estágio da disciplina enfermagem no cuidado à saúde da mulher e de conversas com colegas do curso de enfermagem, e tem como objetivo investigar o conhecimento de universitários sobre as DST e HIV/AIDS, e as sugestões para elaboração de um trabalho de prevenção na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), no Campus Uruguaiana. Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo exploratório-descritiva. Os participantes foram universitários do primeiro semestre dos cursos de enfermagem, fisioterapia e medicina veterinária da UNIPAMPA/Campus Uruguaiana. A coleta de dados foi realizada no mês de setembro de 2016 com aplicação de um questionário com perguntas abertas e fechadas e a análise dos dados feita por meio de frequência e porcentagem e da técnica de análise de conteúdo. Os resultados apontam que a maioria dos universitários tem conhecimento sobre as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e HIV/AIDS, contudo o estudo permitiu identificar a necessidade de esclarecimentos, evidenciando a importância do desenvolvimento de ações educativas e de prevenção relacionadas às DST e HIV/AIDS na UNIPAMPA/Campus Uruguaiana, visando contribuir para o acesso à informação e possibilitando um contínuo esclarecimento de dúvidas sobre as respectivas doenças.

Descritores: Doenças sexualmente transmissíveis, HIV/AIDS, Universitários.

ABSTRACT

Sexually transmitted diseases (STD) are among the most common public health problems in Brazil and in the world, and are currently considered the main facilitator of sexual transmission of HIV. Some of them, when undiagnosed and treated in time, can progress to severe complications and even death. University students have at their disposal an easier access to health information, which should contribute to the improvement of self-care, reducing risky sexual behavior. The interest in the study was based on the experience of the Nursing discipline in the health care of women and conversations with nursing students. The objective of this study is to investigate the knowledge of university students about STD and HIV / AIDS, And the suggestions for elaboration of a prevention work at the Federal University of Pampa (UNIPAMPA), at the Uruguaiiana Campus. It is a qualitative research of the exploratory-descriptive type. The participants were university students of the first semester of the courses of nursing, physiotherapy and veterinary medicine of UNIPAMPA / Campus Uruguaiiana. The data collection was carried out in September 2016 through the application of a questionnaire with open and closed questions and the analysis of the data by means of frequency and percentage and the technique of content analysis. The results indicate that the majority of university students have knowledge about Sexually Transmitted Diseases (STD) and HIV / AIDS. but the study identified the need for clarification, highlighting the importance of developing educational and prevention actions related to HIV / AIDS. STD and HIV / AIDS in UNIPAMPA / Campus Uruguaiiana, aiming to contribute to the access to information and enabling a continuous clarification of doubts about the respective diseases.

Keywords: Sexually transmitted diseases, HIV / AIDS, University students.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	07
2 JUSTIFICATIVA.....	10
3 OBJETIVOS.....	11
3.1 Objetivo geral.....	11
3.2 Objetivos específicos.....	11
4 REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
4.1 Doenças Sexualmente Transmissíveis no Mundo.....	12
4.2 Doenças Sexualmente Transmissíveis no Brasil.....	12
4.3 Doenças Sexualmente Transmissíveis mais frequentes.....;	13
4.3.1 Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS).....	13
4.3.2 Papilomavírus humano (HPV).....	15
4.3.3 Sífilis.....	17
4.3.4 Gonorreia.....	18
5 MÉTODO.....	20
5.1 Tipo de estudo.....	20
5.2 Participantes do estudo.....	20
5.3 Critérios de inclusão e exclusão.....	20
5.4 Coleta de dados.....	21
5.5 Análise dos dados.....	21
5.6 Aspectos éticos.....	21
6 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	23
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFÊRENCIAS.....	31
APÊNDICE A: Instrumento de coleta de dados.....	35
APÊNDICE B: Termo de consentimento livre e esclarecido.....	37
APÊNDICE C: Termo de confidencialidade.....	39

1 INTRODUÇÃO

As doenças sexualmente transmissíveis (DST), também denominadas de infecções sexualmente transmissíveis (IST), estão entre os problemas de saúde pública mais comuns no Brasil e alcançam distribuição mundial, sendo atualmente consideradas o principal fator facilitador da transmissão sexual do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV). Algumas DST quando não diagnosticadas e tratadas a tempo, podem evoluir para complicações graves e até mesmo para o óbito (BRASIL, 2015a).

Estima-se que mais de um milhão de pessoas adquiram algum tipo de DST todos os dias no mundo. Todos os anos, aproximadamente 500 milhões de pessoas adquirem uma das quatro DST mais comuns transmitidas por bactérias: clamídia, gonorreia, sífilis e tricomoníase. Enquanto que mais de 530 milhões vivem com o Herpes Vírus Simples tipo 2 e mais de 290 milhões de mulheres possuem o Papilomavírus Humano no mundo (WHO, 2015).

As DST são doenças transmitidas, através do contato sexual que incluem o sexo vaginal, oral e anal com pessoa infectada, devido ao contato entre peles e/ou à troca de fluidos corporais sem uso de preservativo. A outra forma de transmissão dessas doenças pode se dar pela transmissão direta, por meio do contato com sangue contaminado, como acontece no caso de compartilhamento de agulhas e seringas ou na transfusão sanguínea. Por fim, as DST também podem ser transmitidas da mãe para o bebê no período da gravidez ou durante o parto. Esse tipo de contágio é chamado de transmissão vertical (BRASIL, 2015a).

Existem mais de 30 patógenos causadores de DST, que podem ser vírus, bactérias e fungos e protozoários. Entre esses os mais incidentes são a *Chlamydia trachomatis*, a *Neisseria gonorrhoeae*, a *Treponema pallidum*, a *Trichomonas vaginalis*, o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), o Papilomavírus Humano (HPV), Herpes Vírus Simples tipo 2 (HSV-2) e o Vírus da Hepatite B (HBV) que causam respectivamente as doenças conhecidas como clamídia, gonorreia, sífilis, tricomoníase, síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS), condiloma acuminado, herpes simples e hepatite B. As DST nem sempre apresentam sintomas característicos, mas os mais frequentes são corrimento vaginal, corrimento uretral, úlceras nos órgãos genitais e dores abdominais (BRASIL, 2015a).

Algumas infecções possuem altas taxas de incidência e prevalência, apresentam complicações mais graves em mulheres, e facilitam a transmissão do HIV. E ainda podem ser associados à culpa, estigma, discriminação e violência, por motivos biológicos, psicológicos, sociais e culturais (BRASIL, 2015a).

Dentre as mais comuns, quatro delas são curáveis quando tratadas: sífilis, gonorreia, clamídia e tricomoníase. As demais infecções - HIV, HPV, HSV, HBV, que são causadas por vírus, ainda não possuem cura, mas o tratamento pode levar a redução e modulação da infecção (WHO, 2015). As DST têm grande impacto na saúde sexual e reprodutiva, e estão entre as mais frequentes causas pelas quais os adultos procuram os serviços e cuidados em saúde no mundo. Podem ter sérias consequências no quadro clínico imediato ou a longo prazo. Como exemplo de efeito tardio pode-se citar a evolução de HPV para câncer cervical, infertilidade, abortos espontâneos e maior susceptibilidade ao vírus HIV (BRASIL, 2005).

Apesar das melhorias no campo de saúde, nas últimas décadas, ainda ocorre no Brasil uma alta incidência de doenças sexualmente transmissíveis. As DST são motivos de preocupações para as autoridades na área de saúde pública, ocorrendo no mundo mais de 12 milhões de casos por ano, dentre estes, 900 mil casos no Brasil. Um fato que deve ser observado, é que mesmo estando no terceiro milênio, vivendo num mundo globalizado e com os avanços das descobertas na área da saúde, a doença infecciosa como a Sífilis continua com alta prevalência nas populações (SANTOS; ANJOS, 2009).

Os adolescentes e adultos jovens constituem um grupo de risco crescente para as doenças sexualmente transmissíveis. No caso do HIV, o último boletim epidemiológico do Ministério da Saúde demonstrou que houve um registro de mais de 600 mil casos de AIDS entre os anos de 1980 e 2011. Analisando-se a faixa etária em ambos os sexos, observa-se que a doença tem maior incidência entre 25 e 49 anos de idade. Entretanto, é curiosa a análise da razão de sexos em jovens de 13 a 19 anos, pois é a única faixa etária em que há predomínio do número de casos entre as mulheres em relação aos homens (BRASIL, 2012a). Entre os fatores que colocam os adolescentes e jovens em maior vulnerabilidade para contrair uma infecção sexualmente transmissível são a idade de início da atividade sexual, uso incorreto ou inconsistente de preservativos e experimentação com álcool e outras drogas (BRASIL, 2013a).

Estudos apontam que, mesmo com divulgação na mídia e informação, os adolescentes e jovens ainda possuem dúvidas sobre a prevenção da transmissão das DST e certa resistência ao uso do preservativo, tornando-se vulneráveis e aumentando a incidência da doença (CHAVES et al. 2014). A precocidade nas relações sexuais, a multiplicidade de parceiros, maior liberdade sexual, a não adesão ao uso de preservativo, a necessidade de afirmação grupal são outros fatores que tornam os adolescentes vulneráveis às DST (BARRETO; SANTOS, 2009).

Deve-se levar em consideração o contexto no qual o adolescentes e jovens estão inseridos, como valores, atitudes, hábitos e comportamentos que marcam seu processo de formação. Os valores e o comportamento dos amigos ganham importância crescente na medida em que surge um natural distanciamento dos pais em direção a uma maior independência (BRASIL 2010a).

O grupo de estudantes de nível superior representa um grupo vulnerável aos comportamentos sexuais de risco, na medida em que estão adentrando o mundo dos adultos, estão iniciando sua vida sexual, muitas vezes deixando a casa dos pais pela primeira vez, e estão preferencialmente expostos a substâncias que aumentam este risco como, por exemplo, o álcool (DESSUNTI; REIS, 2012).

Acredita-se que os universitários têm maior facilidade de acesso à informação em saúde, o que deveria contribuir para o aperfeiçoamento do autocuidado, diminuindo o comportamento sexual de risco. Diante desse contexto, surgiu a seguinte questão de pesquisa: Qual o conhecimento dos universitários sobre as DST e HIV/AIDS?

2 JUSTIFICATIVA

O interesse pela realização do estudo surgiu a partir da experiência vivida nas atividades práticas do componente curricular de Enfermagem no Cuidado à Saúde da Mulher e de conversas com colegas do curso de enfermagem.

Nas atividades realizadas em uma unidade básica de saúde de Uruguaiana, durante duas consultas de enfermagem, com mulheres adultas, não gestantes, foi proposto e aceito a realização do teste rápido para HIV e sífilis, e o resultado para sífilis, em ambos os casos, foi positivo.

Nas conversas com colegas do curso de enfermagem foi possível observar várias dúvidas sobre as doenças sexualmente transmissíveis (sinais, sintomas, transmissão e tratamento).

É possível observar, tanto nas atividades práticas quanto com os colegas, o desconhecimento quanto aos modos de transmissão, o diagnóstico, o tratamento e a prevenção das DST e HIV/AIDS.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Investigar o conhecimento de universitários sobre as DST e HIV/AIDS, e as sugestões para a elaboração de um trabalho de prevenção na Universidade (UNIPAMPA/ Campus Uruguaiana).

3.2. Objetivos específicos

- Conhecer o perfil dos universitários envolvidos no estudo (sexo, idade, curso);
- Identificar as dúvidas de universitários sobre as DST e HIV/AIDS;
- Apontar as sugestões de universitários sobre ações de prevenção a serem realizadas na Universidade (UNIPAMPA/ Campus Uruguaiana).

4 REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 Doenças sexualmente transmissíveis no mundo

As DST estão, no mundo, entre os agravos à saúde mais comuns. Em saúde pública, têm se tornado cada vez mais importantes por consequências socioeconômicas como infertilidade masculina e feminina, perdas gestacionais, doenças congênitas, além de aumentar o risco da infecção pelo HIV (BELDA JUNIOR, SHIRATSU, PINTO; 2009).

Segundo estimativas da Organização Mundial da Saúde (OMS) (2013), mais de um milhão de pessoas adquirem uma DST diariamente. A cada ano, estima-se que 500 milhões de pessoas adquirem uma das DST curáveis (gonorreia, clamídia, sífilis e tricomoníase). Da mesma forma, estima-se que 530 milhões de pessoas estejam infectadas com o vírus do herpes genital (HSV-2, do inglês Herpes Simplex Virus tipo 2) e que mais de 290 milhões de mulheres estejam infectadas pelo HPV (BRASIL, 2015a).

A infecção pelo HPV causa 530.000 casos de câncer de colo uterino e 275.000 mortes por essa doença/ano. Além disso, a sífilis na gravidez causa aproximadamente 300.000 mortes fetais e neonatais/ano e coloca 215.000 recém-nascidos sob o risco de morte prematura, baixo peso ao nascimento ou sífilis congênita (BRASIL 2015a).

Outro fator preocupante é a resistência da *Neisseria gonorrhoeae* aos antibióticos que tem aumentado rapidamente nos últimos anos, reduzindo as opções terapêuticas. Nesse cenário, essa bactéria vem se tornando um organismo multirresistente, necessitando de constante monitoramento laboratorial e troca de recomendações terapêuticas. Esse fato tem repercussões financeiras (antibióticos de custo mais elevado) e logísticas (introdução e distribuição de novos medicamentos) (BRASIL, 2015a).

4.2 Doenças sexualmente transmissíveis no Brasil

No Brasil, um país de imensa extensão territorial e marcantes diferenças regionais, a magnitude e transcendência ainda não são amplamente conhecidas. Compreender a dinâmica dessas doenças, tão silenciosas ao afetar homens e

mulheres, jovens e maduros e de distintos extratos sociais, mas tão loquazes ao cobrar seus tributos em forma de doença inflamatória pélvica e infertilidade feminina e masculina, câncer do colo uterino, infecções congênitas ou neonatais, aumento do risco de infecção pelo HIV, entre outros, torna-se, assim, fundamental para que se possa dar à população mais que medicamentos, mas plena saúde sexual e reprodutiva (BRASIL, 2008).

O estudo "Prevalências e frequências relativas de Doenças Sexualmente Transmissíveis em populações selecionadas de seis capitais brasileiras, 2005", mostrou dados relevantes para avaliar a situação das DST no país. As pessoas que procuraram atendimento em clínicas de DST apresentaram alta prevalência de DST sintomáticas e assintomáticas associadas. A prevalência de DST bacterianas foi de 14,4% e a das virais 41,9%. Os resultados mostraram que a prevalência de infecção pelo HPV é elevada e afeta fundamentalmente os adolescentes e jovens, sugerindo que a infecção produz-se em geral em idade mais precoce, no início das relações sexuais. As maiores taxas de infecção gonocócica e por clamídia foram observadas nas pessoas mais jovens; entretanto, em relação à sífilis, ao HIV e ao vírus da hepatite B (HBV, do inglês Hepatitis B Virus), foram encontradas nas pessoas de idades mais elevadas (BRASIL, 2008).

4.3 Doenças sexualmente transmissíveis mais frequentes

As DST englobam todas as doenças que podem ser adquiridas durante o ato sexual, tanto no coito propriamente dito, quanto nos eventos que o cercam, sendo as mais frequentes a sífilis, a gonorreia, o cancro mole, a donovanose, além da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) (SANTOS, ABUD, INAGAKI, 2009). Neste tópico serão abordadas as DST (AIDS, HPV, Sífilis e Gonorreia), que são tratadas com maior frequência na Secretaria Municipal de Saúde de Uruguaiana (Setor Saúde da Mulher e Setor DST/AIDS).

4.3.1 Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS)

Trata-se de uma doença não hereditária, transmitida principalmente por via sexual, causada pela infecção do vírus HIV que acarreta transtornos na imunidade celular, o que provoca maior suscetibilidade a infecções intercorrentes até mesmo o

desenvolvimento de neoplasias. A infecção pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV) constitui uma DST de caráter epidêmico mundial (CARVALHO; IOLANDO; FAZZOLINI, 2009). Segundo estimativas aproximadamente 718 mil pessoas vivem com HIV no Brasil, na população jovem o índice de prevalência da infecção apresenta tendência de aumento (BRASIL, 2013b).

Transmissão

O HIV pode ser transmitido por via sexual (esperma e secreção vaginal), pelo sangue (via parenteral e vertical), e pelo leite materno (BRASIL, 2010b).

Desde o momento de aquisição da infecção, o portador do HIV é transmissor, entretanto, os indivíduos com infecção muito recente ou imunossupressão avançada têm maior concentração do HIV no sangue (carga viral) e nas secreções sexuais, transmitindo com maior facilidade o vírus. Alguns processos infecciosos e inflamatórios favorecem a transmissão do HIV, a exemplo de doenças sexualmente transmissíveis (DST), como a sífilis, o herpes genital e o cancro mole. Outros fatores de risco associados aos mecanismos de transmissão do HIV são: tipo de prática sexual, relações sexuais desprotegidas; utilização de sangue ou seus derivados, não testados ou tratados inadequadamente; e recepção de órgãos ou sêmen de doadores não triados e testados; reutilização de seringas e agulhas; transmissão ocasionada por acidente com material biológico, sem a utilização de equipamentos de proteção individual (EPI) de pacientes portadores do HIV, por profissionais da área da saúde (BRASIL, 2010b).

Sinais e sintomas

A infecção pelo HIV ocorre nas fases clínicas: infecção primária, infecção assintomática ou fase de latência clínica e a síndrome da imunodeficiência adquirida. Na infecção primária, caracteriza-se pelo quadro agudo, autolimitado, com síndrome semelhante à mononucleose infecciosa, que ocorre cerca de 4-8 semanas após infecção, associado ao desenvolvimento de anticorpos anti-HIV presentes na maioria dos recém-infectados, porém poucas vezes diagnosticados em decorrência de não pensar nessa possibilidade diagnóstica. Já a infecção assintomática ou fase de latência clínica ocorre após a infecção inicial, com duração variável, mas

geralmente longa. A última fase, síndrome da imunodeficiência adquirida, caracteriza-se pelo aparecimento de infecções e/ou neoplasias oportunistas ou diminuição de linfócitos CD4 (PORTO e PORTO, 2012).

Tratamento e prevenção

A abordagem clínico-terapêutica do HIV tem-se tornado cada vez mais complexa, em virtude da velocidade do conhecimento acerca deste agente. Os objetivos do tratamento são: prolongar a sobrevida e melhorar a qualidade de vida, pela redução da carga viral e reconstituição do sistema imunológico. O atendimento é garantido pelo Sistema Único de Saúde (SUS), por meio de uma ampla rede de serviços. O Brasil é um dos poucos países que disponibiliza, integralmente, a assistência ao paciente com AIDS (BRASIL, 2010b).

Para evitar a transmissão da AIDS, recomenda-se uso de preservativo durante a relação sexual, uso de seringas e agulhas descartáveis, teste prévio no sangue a ser transfundido e uso de luvas quando estiver manipulando feridas ou líquidos potencialmente contaminados. As gestantes devem fazer o teste de AIDS e começar o pré-natal o mais cedo possível (BRASIL, 2015b).

4.3.2 Papilomavírus humano (HPV)

O HPV é uma doença infecciosa, conhecida como verruga genital, ou popularmente chamada de crista de galo. Seu agente etiológico é o Papilomavírus humano (HPV), que é um DNA-vírus não cultivável do grupo papovavírus. Existem mais de 200 subtipos de papilomavírus, 20 dos quais podem infectar o trato genital. O período de incubação da doença varia entre 4 a 6 semanas, mas pode levar anos (BRÊTAS; OLIVEIRA; AGUIAR JUNIOR, 2006).

O HPV é o principal fator de risco para o desenvolvimento de lesões intraepiteliais de alto grau e do câncer do colo do útero. Este câncer configura como um importante problema de saúde pública, segundo as últimas estimativas mundiais para o ano de 2012, o câncer do colo do útero é o quarto tipo de câncer mais comum entre as mulheres, com 527 mil casos novos. Sua incidência é maior em países menos desenvolvidos quando comparada aos países mais desenvolvidos (INCA, 2010).

O câncer de colo do útero representa o segundo câncer mais frequente entre as mulheres no Brasil. Após mais de 20 anos de investigação sobre a associação existente entre o papilomavírus humano (HPV) e o carcinoma cervical, poucas dúvidas restam a respeito do papel central desse vírus na carcinogênese do colo uterino. Diante da complexidade da infecção pelo HPV, destaca-se a preocupação com a valorização da prevenção na população juvenil, subjacente ao desencadeamento da vivência sexual. Nesse contexto o reconhecimento da importância do HPV e dos agravos associados emerge como um novo desafio no âmbito da saúde pública, levando em conta as especialidades das formas de transmissão e de manifestação ao longo da vida (LOURENÇO; BIASON, 2015).

O HPV pode ser classificado em tipos de alto e baixo risco de desenvolver câncer. Existem 12 tipos identificados como de alto risco (HPV tipos 16, 18, 31, 33, 35, 39, 45, 51, 52, 56, 58 e 59) que têm probabilidade maior de persistir e estarem associados a lesões pré-cancerígenas, e são consideradas de baixo risco os tipos (6, 11, 40, 42, 43, 44, 54, 61, 72, 81, 89). Cerca de 70% dos cânceres cervicais invasivos são atribuídos ao HPV 16 ou 18 (LOURENÇO; BIASON, 2015).

Transmissão

É uma doença de transmissão frequentemente sexual. Todavia, o contato com superfícies contaminadas é capaz de transmitir a doença, e eventualmente, uma criança pode ser infectada pela mãe doente, durante o parto (BRÊTAS; OLIVEIRA; AGUIAR JUNIOR, 2006).

Sinais e sintomas

A maioria das infecções são assintomáticas ou inaparentes. Outras podem apresentar-se sob a forma de lesões exofíticas, os chamados condilomas acuminados, verrugas genitais ou cristas de galo. Pode também assumir uma forma subclínica, visível apenas sob técnicas de magnificação (lentes) e após aplicação de reagentes, como o ácido acético (BRASIL, 2015a).

Tratamento e prevenção

O uso de preservativo nas relações sexuais diminui significativamente o risco de desenvolvimento de condiloma acuminado e de lesões de alto grau no colo uterino. No caso de infecção na vulva, na região pubiana, perineal e perianal ou na bolsa escrotal, o HPV poderá ser transmitido apesar do uso de preservativos. O preservativo feminino, que cobre também a vulva, evita, de forma mais eficaz, a transmissão, se utilizado desde o início da relação sexual. São também medidas de prevenção as seguintes: evitar múltiplas parceiras sexuais, realizar higiene pessoal, exame preventivo ginecológico periodicamente e vacinar-se contra o HPV (BRASIL, 2015a).

Atualmente duas vacinas contra o HPV são aprovadas no Brasil, Gardasil® (MSD) E Cervarixet® (GSK). Após a vacinação, os títulos de anticorpos são 20 a 80 vezes superiores aos observados após a infecção natural. Isso se deve ao componente da vacina vírus-like particle (VLP), que tem uma estrutura bastante semelhante ao vírus, induzindo ótima resposta de anticorpos (LOURENÇO; BIASON, 2015).

4.3.3 Sífilis

Infecção causada pelo *Treponema Pallidum*, transmitida por contato direto, durante relações sexuais ou da mãe para o filho por via transplacentária, (transmissão vertical). Predomina em homens em idade sexualmente ativa, mas vem aumentando em jovens de ambos o sexos (PORTO e PORTO, 2012).

Os fatores de risco constituem de: relações sexuais sem preservativo, contato sexual com pessoas infectadas, contato com líquidos corporais infectados, uso de drogas por via endovenosa (PORTO e PORTO, 2012).

Transmissão

A sífilis pode ser transmitida por via sexual, transfusão sanguínea e ainda indiretamente por formas incomuns, como objetos contaminados e tatuagens (sífilis adquirida) ou vertical (sífilis congênita) (COSTA, et al. 2010).

Sinais e sintomas

Seu quadro clínico é marcado por períodos de atividade e latência e evolui por fases características (primária, secundária e terciária), de acordo com o tempo em que a infecção não é tratada (LOURENÇO; BIASON, 2015).

Sífilis primária: após um período de incubação de duas a quatro semanas, há aparecimento de lesão, em geral única, indolor e ulcerada, com bordas duras e fundo limpo recoberto por material seroso (cancro duro) altamente infectante. No homem, desenvolve-se com maior frequência na glande e no sulco balanoprepucial; na mulher (geralmente não percebida), no colo uterino, vulva e períneo. O cancro duro desaparece em duas a seis semanas, mesmo sem tratamento (LOURENÇO; BIASON, 2015).

Sífilis secundária: cerca de dois meses depois do cancro, desenvolve-se lesões cutaneomucosas, na maioria das vezes não pruriginosas, inicialmente com aspecto maculoso (roséolas sífilíticas), que depois evoluem para lesões papuloescamosas (sífilis papulosas). A região palmoplantar é comumente acometida. Podem ocorrer sintomas sistêmicos como anorexia, febre, cefaleia, artralgias e mialgias (LOURENÇO; BIASON, 2015).

Sífilis Terciária: após um período de latência que varia de 2 a 30 anos, durante o qual não se observam sinais e sintomas clínicos (sífilis latente), aproximadamente um terço dos pacientes evolui com desenvolvimento de gomas, sífilis cardiovascular ou neurosífilis (LOURENÇO; BIASON, 2015).

Tratamento e prevenção

Durante as fases iniciais, torna-se fácil a cura da sífilis, sendo normalmente tratada com penicilina; quando as pessoas infetadas são alérgicas a esse medicamento, podem tomar outros antibióticos. O preservativo é o modo mais eficaz de evitar a transmissão da sífilis (BRASIL 2015a).

4.3.4 Gonorreia

A Gonorreia, também chamada de blenorragia, é um processo infeccioso e inflamatório da uretra, tendo como agente etiológico a *Neisseria gonorrhoeae*. O

período de incubação varia entre dois e cinco dias, e sua incidência é maior nos indivíduos jovens, com vida sexual ativa e sem parceiro fixo. Dentre as uretrites sintomáticas não causadas por gonocos, a *Chlamydia trachomatis* é o agente etiológico mais comum. O período de incubação varia de 14 a 21 dias, e pode provocar esterilidade e até a morte se não tratadas (BRÊTAS; OLIVEIRA; AGUIAR JUNIOR, 2006).

Transmissão

A principal via de transmissão é a relação sexual, entretanto, nas crianças, em especial nas meninas pré-puberais, o contato direto com o gonococo, através do adulto infectado ou objetos recém-contaminados, como toalhas e tampas de privadas, pode provocar a doença. O gonococo não é transmitido verticalmente (da mãe para o bebê), pois ele não consegue ultrapassar a barreira placentária (BRÊTAS; OLIVEIRA; AGUIAR JUNIOR, 2006).

Sinais e sintomas

Os sinais e sintomas dependem do sítio inicial da inoculação do agente etiológico. Os sintomas surgem, geralmente de dois a cinco dias após o contágio, podendo demorar até 15 dias para aparecer. Os homens apresentam prurido na uretra, ardência e dor ao urinar, secreção purulenta com odor forte, podendo ocorrer urgência miccional. Se o corrimento for amarelado, é indicativo de gonorreia; e se for branquiçado, clamídia. Nas mulheres, provocam corrimento que, quando não tratado, causam doença inflamatória pélvica (DIP) (BRÊTAS; OLIVEIRA; AGUIAR JUNIOR, 2006).

Tratamento e prevenção

O tratamento medicamentoso preconizado pelo Ministério da Saúde para as uretrites gonocócicas é a administração de ofloxacina ou cefixina. As uretrites não gonocócicas são tratadas com azitromicina ou doxiciclina (BRÊTAS; OLIVEIRA; AGUIAR JUNIOR, 2006).

5 MÉTODO

5.1 Tipo de estudo

Este é um estudo qualitativo do tipo exploratório-descritivo.

O objetivo de uma pesquisa exploratória é familiarizar-se com um assunto ainda pouco conhecido, pouco explorado. Ao final de uma pesquisa exploratória, será possível conhecer mais sobre determinado assunto, estando apto para construir hipóteses (GIL, 2008).

As pesquisas descritivas possuem como objetivo a descrição das características de uma população, fenômeno ou de uma experiência. A grande contribuição deste tipo de pesquisa é proporcionar novas visões sobre uma realidade já conhecida (GIL, 2008).

5.2 Participantes do estudo

Os participantes do estudo foram todos os alunos matriculados no primeiro semestre dos cursos de enfermagem, fisioterapia e medicina veterinária da UNIPAMPA/Campus Uruguaiana no semestre letivo 2016/2, perfazendo um total de 67 universitários, sendo 20 do curso de enfermagem, 20 do curso de fisioterapia e 27 do curso de medicina veterinária. Cabe ressaltar que os demais cursos da UNIPAMPA/Campus Uruguaiana (educação física, farmácia, licenciatura em ciências da natureza, tecnologia em aquicultura, medicina) não participaram, pois o projeto da pesquisa foi elaborado em 2015/2 e o curso de medicina não havia iniciado as atividades, bem como a execução do projeto foi realizada em 2016/2 contemplando os cursos com ingresso semestral (enfermagem, fisioterapia e medicina veterinária).

5.3 Critérios de inclusão e exclusão

Foram incluídos os alunos regularmente matriculados e que estivessem frequentando as aulas do primeiro semestre dos cursos de enfermagem, fisioterapia e medicina veterinária da UNIPAMPA/Campus Uruguaiana no semestre letivo 2016/2; também deveriam estar presentes no dia em que ocorreu a coleta de dados. Cabe destacar que foram excluídos um teste piloto e seis instrumentos de coleta de

dados de participantes menores de 18 anos, bem como o instrumento de coleta de dados de um participante de outro curso.

5.4 Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada durante o mês de setembro de 2016 na UNIPAMPA/Campus Uruguaiana, por meio da aplicação de um questionário com perguntas abertas e fechadas referentes a dados de identificação (sexo, idade e curso) e as DST e HIV/AIDS (Apêndice A), com duração aproximadamente de 10 minutos, em período de aula, e autorização prévia dos professores e dos coordenadores dos cursos.

O instrumento foi testado em um estudo piloto com um aluno de cada curso citado. Após a resposta, os participantes foram interrogados sobre a clareza das questões, sugestões de mudanças, dúvidas sobre itens, entre outros aspectos.

5.5 Análise dos dados

Os dados das perguntas fechadas foram analisados por meio de frequência e porcentagem. Os dados das perguntas abertas foram analisados através da técnica de análise do conteúdo, organizadas em três etapas: a pré-análise, fase da organização, sistematização e preparação do material para análise; a exploração de material, fase na qual o material é codificado; tratamento dos resultados, e a interpretação, etapa destinada ao tratamento dos resultados, buscando serem significativos e válidos. (BARDIN, 2004).

5.6 Aspectos éticos

Toda a pesquisa foi amparada pela condução ética, assegurando e valorizando os aspectos éticos e legais no decorrer do estudo. Seguindo, os preceitos da Resolução nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde – Ministério da Saúde, que dispõe sobre diretrizes e normas que regulamentam a pesquisa envolvendo a participação de seres humanos (BRASIL, 2012b).

O projeto foi cadastrado no Sistema de Informação de Projetos de Pesquisa, Ensino e Extensão (SIPPEE) da UNIPAMPA sob número 10.258.16, e aprovado

pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNIPAMPA sob o parecer 1.708.421 e CAAE 52833115.4.0000.5323.

No que tange aos participantes utilizou-se um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) (Apêndice B), sendo este em duas vias, ficando uma cópia com o participante e uma com o pesquisador. Neste termo foi apresentada a explicação sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e incômodos que pudesse gerar. No termo de consentimento, também assume-se o compromisso de preservar a identidade do sujeito, dando-lhe a liberdade de desistir da participação no estudo no momento em que quiser sem que haja prejuízos, garantindo que os dados ficarão sob a responsabilidade do pesquisador.

Os resultados da pesquisa e as atividades de prevenção propostas para a UNIPAMPA serão apresentados em uma palestra no Campus. Os resultados também serão publicados como trabalho de conclusão de curso e estarão disponíveis na biblioteca da UNIPAMPA.

6 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A amostra foi composta por 20 (29,85%) discentes do curso de Enfermagem, 20 (29,85%) do curso de Fisioterapia e 27 (40,3%) do curso de Medicina Veterinária, perfazendo um total de 67 (100%) discentes.

Os dados serão apresentados em quadros, inicialmente com as questões fechadas referentes aos dados de identificação (sexo, faixa etária e curso) organizadas na forma de frequência e porcentagem, e a seguir as questões abertas organizadas em categorias mais frequentes que surgiram a partir das respostas mencionadas pelos alunos dos três cursos, bem como, a respectiva discussão. Cabe ressaltar que nas questões abertas, as respostas dos participantes geraram mais de uma categoria.

Quadro 1 – Questões fechadas referentes ao perfil dos acadêmicos.

Questões fechadas	Acadêmicos de Enfermagem, Fisioterapia e Medicina Veterinária.
Sexo	Feminino = 52 (77,6%) Masculino = 15 (22,4%)
Idade (faixa etária)	18 anos a 23 anos = 52 (77,61%) 23 anos a 28 anos = 8 (11,94%) 28 anos a 33 anos = 1 (1,49 %) 33 anos a 38 anos = 3 (4,48 %) 38 anos a 43 anos = 2 (2,99 %) 43 anos a 48 anos = 1 (1,49 %)
Cursos	Medicina Veterinária = 27 (40,3 %) Enfermagem = 20 (29,85%) Fisioterapia = 20 (29,85%)

Podemos observar no perfil dos acadêmicos que a maioria é do sexo feminino, e encontra-se na faixa etária de 18 a 23 anos de idade.

Conforme a análise de dados, a idade média desses estudantes está dentro de uma das principais faixas etárias atingidas pelas doenças sexualmente transmissíveis, que é a de 15 a 29 anos, de acordo com os dados contidos no Boletim Epidemiológico Aids e DST do Ministério da Saúde do ano de 2015 (BRASIL, 2015c). Tais dados reforçam a importância desta pesquisa, qual seja,

estudar esse grupo de acadêmicos incluído no principal grupo de risco sujeito à incidência dessas doenças no Brasil.

Quadro 2 – Questão aberta referente às categorias mencionadas pelos acadêmicos.

Questão aberta	Acadêmicos de Enfermagem, Fisioterapia e Medicina Veterinária.
1) Você já teve relação sexual?	NÃO= 03 (4,5%) SIM = 64 (95,5%) Com que idade? Categoria: 15 anos

Cabe ressaltar que a idade de 15 anos, apareceu com maior número de citações, quando perguntado sobre a iniciação sexual dos participantes.

Quadro 3 – Questão aberta referente às categorias mencionadas pelos acadêmicos.

Questão aberta	Acadêmicos de Enfermagem, Fisioterapia e Medicina Veterinária.
2) Você já leu e/ou ouviu falar sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e HIV/AIDS? 2.a) O que você leu e/ou ouviu falar? Sobre qual(ais) doença(s)? 2.b) Onde você obteve esta informação? (casa, universidade, posto de saúde, consultório, meios de comunicação-TV, radio) 2.c) Com quem você obteve essa informação? (profissional-médico, enfermeiro, farmacêutico, etc, familiares, amigos, vizinhos)	2) SIM: 67 (100%) 2.a) Categorias: Métodos de prevenção Tratamento 2.a) Categorias: AIDS e HIV Sífilis Gonorréia 2.b) Categorias: Meios de comunicação (TV, rádio, internet) Escola Casa Consultório Universidade 2.c) Categorias: Familiares (mãe, pai, avós) Professores Médico Enfermeiro Amigos Meios de comunicação (TV, jornal, internet)

Podemos observar que os participantes, em sua totalidade já ouviram ou leram sobre as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e HIV/AIDS e quando perguntado sobre o que leu e/ou ouviu falar e sobre qual (ais) doença(s), a maioria dos acadêmicos citou sobre os métodos de prevenção, tratamento, sendo o HIV/AIDS e a Sífilis as doenças mais mencionadas.

A principal forma de prevenção do HIV/AIDS e Sífilis é com o uso de preservativo durante a relação sexual, também é recomendado o uso de seringas e agulhas descartáveis, teste prévio no sangue a ser transfundido e uso e luvas quando estiver manipulando feridas ou líquidos potencialmente contaminados. As gestantes devem fazer o teste de AIDS e começar o pré-natal o mais cedo possível (BRASIL, 2015b).

O tratamento para indivíduos infectados pelo HIV tem como objetivo prolongar a sobrevivência e melhorar da qualidade de vida, pela redução da carga viral e reconstituição do sistema imunológico (BRASIL, 2010b).

A busca de informações por meio dos meios de comunicação (TV, rádio, internet) é bastante frequente entre os participantes. Deve-se ter um olhar voltado para a importância dos meios de comunicação nas atitudes e nas práticas dos universitários.

Quadro 4 – Questão aberta referente às categorias mencionadas pelos acadêmicos.

Questão aberta	Acadêmicos de Enfermagem, Fisioterapia e Medicina Veterinária.
3) Você sabe como podem ser transmitidas as DST e HIV/AIDS?	<p>NÃO = 01 (1,50%) SIM = 66 (98,5%)</p> <p>Como? Categorias: Relações sexuais sem preservativo (sexo oral, anal) Contato com o sangue contaminado (transfusão de sangue) Compartilhamento de seringas</p> <p>Qual(ais) doença(s)? Categorias: HIV e AIDS Sífilis Gonorréia</p>

Observou-se que a maioria dos universitários relata conhecer como podem ser transmitidas as doenças citando como principais meio de transmissões as relações sexuais sem preservativo (sexo oral, anal); contato com o sangue contaminado (transfusão de sangue); compartilhamento de seringas. As doenças mais mencionadas foram HIV e AIDS, Sífilis e Gonorréia.

As formas de transmissão do HIV são pelas vias: sexual (principal forma de transmissão, sendo os preservativos masculinos e femininos as únicas barreiras comprovadamente efetivas), sanguínea (transfusão de sangue e hemoderivados e pelo uso de drogas injetáveis associados ao compartilhamento de seringas e agulhas, onde as formas de se evitar a transmissão são: controle da qualidade pelos bancos de sangue e uso de seringas e agulhas descartáveis) e vertical (a criança é infectada pelo HIV durante a gestação, parto ou amamentação). Além destas três formas mais frequentes, pode ocorrer também a transmissão ocupacional em profissionais de saúde por acidentes de trabalho (ferimentos acidentais com instrumentos perfurocortantes contaminados com o sangue de pacientes portadores do HIV), neste caso, as medidas e os tratamentos profiláticos devem ser iniciados logo após a ocorrência do acidente (BRASIL, 2006).

A forma de transmissão da Gonorréia é por via sexual. O tratamento eficaz interrompe a transmissão. A via de transmissão da Sífilis Adquirida é sexual, causada pela bactéria chamada *Treponema pallidum*. Pode também ser transmitida por via hematogênica (via placentária) em qualquer fase da gestação ou estágio clínico da doença materna, causando a sífilis Congênita. As transmissões por transfusão de sanguínea e por inoculação acidental são raras (BRASIL,2010b).

Quadro 5 – Questão aberta referente às categorias mencionadas pelos acadêmicos.

Questão aberta	Acadêmicos de Enfermagem, Fisioterapia e Medicina Veterinária.
4) Você sabe como podem ser tratadas as DST e HIV/AIDS?	<p>NÃO = 15 (22,4%) SIM =52 (77,6%)</p> <p>Como? Categorias: Medicamentos Tratamento médico Aplicação de ácido para o HPV Prevenção</p>

	Qual(ais) doença(s)? Categorias: HIV/AIDS Sífilis Gonorreia HPV Herpes
--	--

Ao analisarmos os dados obtidos, pode-se observar que apesar da maioria já ter conhecimento sobre como podem ser tratadas as DST e HIV/AIDS, alguns participantes não tinham conhecimento sobre a questão abordada.

Observou-se que as respostas dos participantes estão de acordo com a literatura, que traz que o tratamento da maior parte das DST podem ser tratadas com medicamentos. A AIDS, doença com maior citação na questão, ainda não tem cura, mas tem tratamento. Tomando os medicamentos corretamente, uma pessoa vivendo com HIV pode melhorar sua qualidade de vida. Os medicamentos se chamam antirretrovirais (ou coquetel) e são importantes para evitar que a doença avance, além de proteger as pessoas infectadas de problemas mais graves de saúde (BRASIL 2015a).

Quadro 6 – Questão aberta referente às categorias mencionadas pelos acadêmicos.

Questão aberta	Acadêmicos de Enfermagem, Fisioterapia e Medicina Veterinária.
5) Você sabe como podem ser prevenidas as DST e HIV/AIDS?	NÃO = 2 (3%) SIM = 65 (97%) Como? Categoria: Uso de preservativos Qual(ais) doença(s)? Categorias: HIV/AIDS Sífilis Gonorreia

O uso de preservativos foi o método de prevenção mencionado pela maioria dos participantes. Segundo (BRASIL 2010a), a principal forma de exposição em todo

o mundo é a sexual, sendo que a transmissão heterossexual, nas relações sem o uso de preservativo é considerada pela OMS como a mais frequente.

Quadro 7 – Questão aberta referente às categorias mencionadas pelos acadêmicos.

Questão aberta	Acadêmicos de Enfermagem, Fisioterapia e Medicina Veterinária.
6) Você já teve alguma doença sexualmente transmissível (DST)?	<p>NÃO = 64 (95,5%) SIM = 3 (4,5%)</p> <p>Qual(ais)? Categorias: Candidíase HPV</p>

Dentre os universitários que responderam o questionário, a maioria mencionou que nunca teve alguma doença sexualmente transmissível. As doenças citadas dos que já tiveram foram Candidíase e HPV.

A candidíase ou candidose é a infecção causada por um fungo do gênero *Candida* que é constituída de aproximadamente 200 diferentes espécies de leveduras, sendo o gênero mais comum a *Candida albicans*, chegando a causar entre 86 a 90% dos casos de vaginites, porém outras espécies têm sido também identificadas como a *C. tropicalis*, *C. glabrata*, *C. krusei*, *C. parapsilosis* (TORTORA, 2005). Já o de papiloma vírus humano (HPV) existem mais de 200 tipos diferentes. Eles são classificados em de baixo risco de câncer e de alto risco de câncer. Somente os de alto risco estão relacionados a tumores malignos (INCA, 2010).

Quadro 8 – Questão aberta referente às categorias mencionadas pelos acadêmicos.

Questão aberta	Acadêmicos de Enfermagem, Fisioterapia e Medicina Veterinária.
7) Você tem alguma dúvida sobre DST e HIV/AIDS?	<p>NÃO = 53 (79.1%) SIM = 14 (20.9%)</p> <p>Qual(ais)? Categorias: Tratamento Transmissão Prevenção Sintomas</p>

A maioria dos participantes referiu como principal dúvida referente ao tema, o tratamento das DST e HIV/AIDS. O tratamento das DST varia e pode incluir medicamentos. Para indivíduos infectados pelo HIV, o tratamento tem como objetivo prolongar a sobrevivência e melhorar a qualidade de vida, pela redução da carga viral e reconstituição do sistema imunológico (BRASIL, 2010b).

Quadro 9 – Questão aberta referente às categorias mencionadas pelos acadêmicos.

Questão aberta	Acadêmicos de Enfermagem, Fisioterapia e Medicina Veterinária.
<p>8) Você gostaria que na UNIPAMPA/Campus Uruguaiana fosse desenvolvido algum trabalho (encontros, palestras, seminários, disponibilização de preservativos e folhetos, etc.) para os universitários sobre DST e HIV/AIDS?</p> <p>8.a) Que tipo de trabalho?</p> <p>8.b) Com que frequência? (mensal, semestral, anual)</p>	<p>8) NÃO = 08 (12%) SIM = 59 (88%)</p> <p>8.a) Categorias: Palestras Distribuição de preservativos Seminários Folhetos/panfletos Trabalhos de conscientização Encontros Testes rápidos de DST</p> <p>8.b) Categorias: Semestral Mensal Anual Semanal</p>

Grande parte dos participantes gostaria que fosse desenvolvido algum trabalho educativo sobre DST e HIV/AIDS, elencando como as principais sugestões a realizações de palestras e disponibilização de preservativos em períodos semestrais e mensais. A prática educativa em saúde constitui-se em uma importante ferramenta para estimular os princípios que regem a noção de autocuidado, propondo aos indivíduos caminhos alternativos, além de prepará-los para que adquiram autoconsciência crítica para rever conceitos e valores (SOUZA, WEGNER, GORINI; 2007).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se verificar que a maioria dos universitários tem conhecimento sobre as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e HIV/AIDS, contudo o estudo permitiu identificar a necessidade de esclarecimentos. No que tange as principais dúvidas dos participantes levantadas através do questionário, identificam-se questões relacionadas às formas de tratamento.

A grande maioria dos universitários gostaria que fossem desenvolvidos trabalhos educativos na universidade, seja semestral ou mensal, sugerindo palestras e distribuição de preservativos como principais estratégias de prevenção.

Através dos dados obtidos no presente estudo pode-se concluir que pelo fato das DST atingirem em grande parte, a população jovem, há a necessidade de estudos que relacionem o nível de conhecimento e a criação de programas de conscientização desde o início da formação destes profissionais que estão diretamente envolvidos na conscientização da população de modo geral.

Por fim, evidencia-se a importância do desenvolvimento de ações educativas e de prevenção relacionadas às DST e HIV/AIDS na UNIPAMPA/Campus Uruguaiana, visando contribuir para o acesso à informação e possibilitando um contínuo esclarecimento de dúvidas sobre as respectivas doenças.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**: 3 ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BARRETO, Ana Claudia M.; SANTOS, Rosangela S. A vulnerabilidade da adolescente às doenças sexualmente transmissíveis: contribuições para a prática da enfermagem. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, 2009. Acesso em: 11 set. 2015. Disponível em: http://www.eean.ufrj.br/revista_enf/20094/artigo%2015.pdf.

BELDA JUNIOR, Walter; SHIRATSU, Ricardo; PINTO, Valdir. **Abordagem nas doenças sexualmente transmissíveis**. Anais Brasileiros de Dermatologia. [online]. 2009, v.84, n.2, pp. 151-159.

BRASIL, Ministério da saúde; Secretaria de Vigilância em Saúde, Programa Nacional de DST e Aids. **Manual de Controle das Doenças Sexualmente Transmissíveis**. Brasília: Ministério da Saúde. 2005.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **HIV/AIDS, hepatites e outras DST. Cadernos de Atenção Básica**, Brasília (DF), n.18; 2006. Acesso em 20 de out 2016. Disponível em: <http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/abcd18.pdf>

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e Aids. **Prevalências e freqüências relativas de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) em populações selecionadas de seis capitais brasileiras, 2005**. Brasília, 2008.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção em Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2010a.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. **Doenças infecciosas e parasitárias**: guia de bolso. 8. ed. rev. Brasília, 2010b.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Boletim Epidemiológico Aids e DST**. Brasília: Ministério da Saúde, 2012a. Acesso em: 15 out. 2015. Disponível em: http://www.aids.gov.br/sites/default/files/anexos/publicacao/2012/52654/boletim_2012_final_1_pdf_21822.pdf

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução 466/12**. Diário Oficial da União. 12 dez. 2012b. Acesso 13 out. 2015. Disponível: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>

BRASIL, Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Recomendações para a Atenção Integral a Adolescentes e Jovens Vivendo com HIV/Aids**. Brasília; 2013a. Acesso em: 15 out. 2015. Disponível em: http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/recomendacoes_atencao_integral_hiv.pdf

BRASIL, Ministério da saúde. **Boletim epidemiológico HIV/AIDS**. Brasília; 2013b. Acesso em: 18 out. 2015. Disponível em: http://www.aids.gov.br/sites/default/files/anexos/publicacao/2013/55559/p_boletim_2013_internet_pdf_p_51315.pdf

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, CONITEC. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas Infecções Sexualmente Transmissíveis**. Brasília; 2015a.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Portal sobre AIDS, doenças sexualmente transmissíveis e hepatites virais**. Acessado em: Set. 2015b. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pagina/o-que-saodst>.

BRASIL, Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. **Boletim Epidemiológico de Aids e DST**: Ministério da Saúde, ; Brasília 2015c..

BRÊTAS, José Roberto da Silva; OLIVEIRA, José Rodrigo de; AGUIAR JUNIOR, Wagner. Doenças Sexualmente Transmissíveis. In: BRÊTAS, Ana Cristina Passarella; GAMBÁ, Mônica Antar. **Enfermagem saúde do adulto**. Baurueri, São Paulo: Manole, 2006. p. 249-263.

CARVALHO, Newton Sergio de; IOLANDO, Maristela S; FAZZOLINI, Tais. **Vacina contra DST: onde estamos e para onde vamos?** Jornal brasileiro de doenças sexualmente transmissíveis, 2009. Acesso em: 02 out. 2015. Artigo disponível em: <http://www.dst.uff.br/revista21-4-2009/4-Vacina%20contra%20DST.pdf>

CHAVES, Ana Clara Patriota; BEZERRA, Elys Oliveira; PEREIRA, Maria Lúcia Duarte and WOLFGANG, Wagner. Conhecimentos e atitudes de adolescentes de uma escola pública sobre a transmissão sexual do HIV. **Revista Brasileira de Enfermagem**. [online]. V.67, n.1, p. 48-53, 2014

COSTA, Mariana Carvalho et al. **Doenças sexualmente transmissíveis na gestação: uma síntese de particularidades**. Anais Brasileiros de Dermatologia. [online]. V.85, n.6, pp. 767-785., 2010

DESSUNTI, Elma Mathias; REIS, Alberto Olavo Advincula. Vulnerabilidade às dst/aids entre estudantes da saúde: estudo comparativo entre primeira e última série. **Revista Ciência Cuidado e Saúde**. V.11, suplemento, p.274-283, 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

INCA (Instituto Nacional do Câncer). Ministério da Saúde. 2010. **HPV e câncer**. Acesso em 29 out 2015. Disponível em: http://www1.inca.gov.br/conteudo_view.asp?id=2687.

LOURENÇO, Benito; BIASON, Talita Poli. Adolescente e doenças sexualmente transmissíveis. In: LOURENÇO, Benito; et al. **Medicina de adolescentes**. Barueri, SP; Manole, 2015 p.270-290

PORTO, Celmo Celeno; PORTO, Arnaldo Lemos; **Vademecum de Clínica Médica - 3 ed.** Rio de Janeiro; Guanabara Koogan, 2012.

SANTOS, Tayná de Lima; ABUD, Ana Cristina; INAGAKI, Ana Dorcas de Melo; Vulnerabilidade às doenças sexualmente transmissíveis entre mulheres com alta escolaridade. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, 2009. Acesso em 16 out. 2015. Disponível em : <http://www.facenf.uerj.br/v17n4/v17n4a08.pdf>.

SANTOS, Vanessa Cruz; ANJOS, Karla Ferraz. Sífilis: Uma realidade prevenível. Sua erradicação, um desafio atual. **Revista Saúde e Pesquisa**, v.2, n.2, p.257-263, maio/agosto 2009.

SOUZA, Luccas Melo de; WEGNER, Wiliam; GORINI, Maria Isabel Pinto Coelho. **Educação em Saúde: uma estratégia de cuidado ao cuidador**. Rev Latino-am Enfermagem. V15: março-abril; p167-74, 2007

TORTORA, Gerard. et. al. **Microbiologia**. Traduzido por Roberta Marchiori Martins. 8.ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. (p.741-761)

WORLD HEALTH ORGANIZATION (OMS). **Consolidated Guidelines on the use of Antiretroviral Drugs for Treatment and Preventing HIV Infection: Recommendations for a Public Health Approach**. OMS, Jun. 2013.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO); **Sexually transmitted infections (STIs)**. Disponível em: <<http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs110/en/>>. Acesso em: 11 set. 2015.



APÊNDICE A
INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Sexo: M () F ()

Idade: _____

Curso: _____

1) Você já teve relação sexual?

() NÃO

() SIM, com que idade?

2) Você já leu e/ou ouviu falar sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e HIV/AIDS?

() NÃO

() SIM

2.a) O que você leu e/ou ouviu falar? Sobre qual(ais) doença(s)?

2.b) Onde você obteve esta informação? (casa, universidade, posto de saúde, consultório, meios de comunicação-TV, radio)

2.c) Com quem você obteve essa informação? (profissional-médico, enfermeiro, farmacêutico, etc, familiares, amigos, vizinhos)

3) Você sabe como podem ser transmitidas as DST e HIV/AIDS?

() NÃO

() SIM Como? Qual(ais) doença(s)?

4) Você sabe como podem ser tratadas as DST e HIV/AIDS?

() NÃO

() SIM Como? Qual(ais) doença(s)?

5) Você sabe como podem ser prevenidas as DST e HIV/AIDS?

() NÃO

() SIM Como? Qual(ais) doença(s)?

6) Você já teve alguma doença sexualmente transmissível (DST)?

() NÃO

() SIM, Qual(ais)?

7) Você tem alguma dúvida sobre DST e HIV/AIDS?

() NÃO

() SIM, Qual(ais)?

8) Você gostaria que na UNIPAMPA/Campus Uruguaiana fosse desenvolvido algum trabalho (encontros, palestras, seminários, disponibilização de preservativos e folhetos, etc.) para os universitários sobre DST e HIV/AIDS?

() NÃO

() SIM

8.a) Que tipo de trabalho?

8.b) Com que frequência? (mensal, semestral, anual)

APÊNDICE B
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do projeto: Conhecimento de universitários sobre doenças sexualmente transmissíveis e HIV/AIDS

Pesquisador responsável: Betina Loitzenbauer da Rocha Moreira

Pesquisador participante: Diego Fernandes Leal

Instituição: Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA/Campus Uruguaiana

Telefone celular do pesquisador para contato (inclusive a cobrar): (55) 96356158

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa intitulada “Conhecimento de universitários sobre doenças sexualmente transmissíveis e HIV/AIDS” (Trabalho de Conclusão de Curso – TCC) que tem por objetivo: investigar o conhecimento de universitários sobre as DST e HIV/AIDS, e as sugestões para a elaboração de um trabalho de prevenção na universidade e se justifica pela observação de testes rápidos positivos para sífilis durante estágio e dúvidas encontradas quanto ao modo de transmissão, diagnóstico, tratamento e a prevenção das DST e HIV/AIDS em conversas com colegas do curso de enfermagem.

Por meio deste documento e a qualquer tempo você poderá solicitar esclarecimentos adicionais sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar. Também poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sem sofrer qualquer tipo de penalidade ou prejuízo.

Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra será arquivada pelo pesquisador responsável.

Os dados serão coletados pelo pesquisador participante por meio de um questionário com perguntas abertas e fechadas referentes a dados de identificação (sexo, idade, curso) e as DST e HIV/AIDS. Os riscos da pesquisa estão relacionados ao constrangimento ou desconforto em responder o questionário, sendo garantido a você retirar o consentimento para essa pesquisa a qualquer momento e sem qualquer prejuízo. Os benefícios de sua participação neste estudo estão relacionados com a possibilidade de sugerir ações de prevenção, que poderão

contribuir para o esclarecimento de dúvidas sobre as DST e HIV/AIDS dos universitários.

Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pelos pesquisadores.

Seu nome e identidade serão mantidos em sigilo, e os dados da pesquisa serão armazenados pelo pesquisador responsável. Os resultados poderão ser divulgados em publicações científicas.

Os resultados da pesquisa e as atividades de prevenção propostas para UNIPAMPA serão apresentados em uma palestra no Campus. Os resultados também serão publicados como trabalho de conclusão de curso e estarão disponíveis na biblioteca da UNIPAMPA.

Nome do Participante da Pesquisa: _____

Assinatura do Participante da Pesquisa: _____

Nome do Pesquisador Responsável: _____

Assinatura do Pesquisador Responsável: _____

Nome do Pesquisador Participante: _____

Assinatura do Pesquisador Participante: _____

Local e data _____

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato: Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/Unipampa –Campus Uruguaiana – BR 472, Km 592 – Uruguaiana – RS – telefones: (55) 3911 0200 – Ramal: 2289 (55) 3911 0202, (55) 8454 1112 – e-mail: cep@unipampa.edu.br.

APÊNDICE C

TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Título do projeto: Conhecimento de universitários sobre doenças sexualmente transmissíveis e HIV/AIDS

Pesquisador responsável: Betina Loitzenbauer da Rocha Moreira

Pesquisador participante: Diego Fernandes Leal

Campus/Curso: Uruguaiana/Enfermagem

Telefone para contato: (55) 96356158

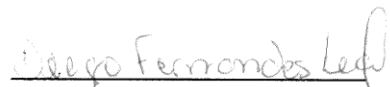
Local da coleta de dados: Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA/Campus Uruguaiana

Os pesquisadores do presente projeto se comprometem a preservar a privacidade e o anonimato dos sujeitos cujos dados serão coletados através de um questionário com perguntas abertas e fechadas referentes a dados de identificação (sexo, idade e curso) e as DST e HIV/AIDS, tendo como local a UNIPAMPA/Campus Uruguaiana. Concordam, igualmente, que estas informações serão utilizadas única e exclusivamente para execução do presente projeto. As informações somente poderão ser divulgadas preservando o anonimato dos sujeitos e serão mantidas em poder do responsável pela pesquisa, Prof.(a) Pesquisador(a) Betina Loitzenbauer da Rocha Moreira por um período de 5 anos. Após este período, os dados serão destruídos.

Uruguaiana, 08 de março de 2016.



Betina Loitzenbauer da Rocha Moreira



Diego Fernandes Leal